

## MEMÓRIA E PAISAGEM: BUTIAZAIS NA LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Adriana Aparecida Felini<sup>42</sup>  
Cleusa Maria Gomes Graebin<sup>43</sup>

### Introdução

Há um saber fazer de indivíduos e grupos que vivem no entorno dos butiazais que remonta aos povos originários que utilizavam o butiá em sua alimentação, na construção de habitações a partir das folhas da palmeira, como também para a produção de cestaria, redes, armadilhas para a pesca e caça de pequenos animais.

Até as primeiras décadas do século XX, criadores de gado utilizavam currais de butiazeiros para conter o gado e das folhas dos butiás extraíam a crina vegetal que era utilizada para a fabricação de colchões, bem como chapéus, solados de calçados, tapetes, entre outros produtos. Com os frutos, além de consumo *in natura* pelo seu sabor e aroma agradável e característico, são preparados inúmeros pratos e uma bebida, o licor de butiá.

Esses saberes chegam até os nossos dias a partir da literatura e das narrativas orais, constituindo-se como patrimônio imaterial do Rio Grande do Sul. O butiá e o butiazeiro estão presentes na literatura, nas canções, na toponímia e em outras expressões culturais como marcos identitários de diversas comunidades sul-rio-grandenses. Isto fomentou projetos de preservação e manejo sustentável dos butiazais com adesão dos butiazeiros (proprietários de regiões com a palmeira), que perceberam potencial para aderir ao turismo cultural, criando a Rota dos Butiazais. Percebe-se a relação existente entre butiazeiros e o ambiente que os circunda, paisagem que, para além do espaço físico, articula memórias, percepções, representações e imaginação, principalmente em termos literários. Neste caso, é possível, a partir da leitura de diferentes obras, perceber a relação da vida cotidiana de mulheres com tarefas domésticas, preparativos para festas e recepção de visitas, regadas a licor de butiá. Traços estes que também aparecem em poemas e memórias, enfatizando costumes de época e/ou atualizando produções em indústrias criativas.

Neste trabalho, fazemos um exercício introdutório de representações dos butiazais e do butiá na literatura sul-rio-grandense, partindo do conceito de paisagem de Collot (2013) e Schama (1996) e o de literalização da região, de Joachimsthaler (2009). Direcionamos a análise para alguns autores como João Simões Lopes Neto e Cecília Maicá.

### Os butiazais e o butiá – paisagem e literalização

Os Butiazais podem ser compreendidos como testemunhos excepcionais de uma tradição cultural e como exemplo de ecossistema que ilustra períodos significativos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil. Neste sentido, é representativo de culturas indígenas, de imigração europeia e de interação de humanos com o ambiente e está associado a ideias, crenças, obras artesanais, culinária, obras literárias e

---

42 Mestre em Memória Social e Bens Culturais, doutoranda em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle). Bolsista Capes. E-mail: <adriana.felini0001@unilasalle.edu.br>

43 Doutora e mestre em História (Unisinos). Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle). E-mail: <cleusa.graebin@unilasalle.edu.br>.

à construção de memórias. Também representa área de beleza natural, sendo habitat de espécies que têm valor na salvaguarda de outros ecossistemas.

A ocorrência dos butiazais está relacionada ao bioma Pampa e caracterizá-lo como paisagem, independentemente do autor, torna-se complexo, uma vez que se trata de conceito polissêmico, não tendo como estruturá-lo em apenas uma área do saber. De acordo com RODRIGUEZ (1984) “... parte das escolas geográficas,... adotam a noção de paisagem com um todo sintético em que se combina a natureza, a economia e a sociedade, a cultura e a religião” Os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado e dimensão ou grandeza de uma paisagem depende de quem a vê SANTOS (1996). Schama (1996) vai articular a paisagem da seguinte forma: isola três elementos constitutivos das paisagens agrestes – as árvores, a água e a rocha -, justapondo fatos e símbolos aparentemente dissociados.

O que a paisagem e a memória procura ser é um modo de olhar, de redescobrir o que já possuímos, mas que, de alguma forma, escapa-nos ao reconhecimento e à apreciação. Meu objetivo é apresentar não mais explicação do que perdemos e, sim, uma exploração do que ainda podemos encontrar (SCHAMA, p. 24, 1996).

Dessa forma, o objetivo do autor é descrever os usos, as apropriações e as representações simbólicas da paisagem, isto é, a natureza experimentada como objeto cultural. Schama descreve a obra como preenchida ideologicamente por significados identitários e simbólicos da nacionalidade, construídos e reproduzidos pela literatura.

Em *Poética e Filosofia da Paisagem*, Michel Collot, afirma, assim como outros autores, que existem vários conceitos de paisagem que geram discussões em várias áreas do conhecimento e jamais será contemplado de modo unicamente disciplinar. O autor reconhece que o interesse pela paisagem não é modismo ou simples fenômeno social, mas um fato que corresponde à evolução das mentalidades. “Se a paisagem suscita um tão grande interesse por parte das ciências humanas, é porque não apenas dá a ver, mas também a pensar” (COLLOT, p. 17, 2013).

O autor diz que o objetivo de várias construções sociais e expressões culturais, é a possibilidade da própria percepção da paisagem. Ou seja:

Por definição, a paisagem é um espaço percebido, ligado a um ponto de vista: é uma extensão de uma região [de um país] que se oferece ao olhar de um observador. Objetar-me-ão dizendo que é também - ao que parece, a princípio, se seguirmos a cronologia das acepções da palavra *paisagem* na história das línguas românicas – uma representação pictórica (COLLOT, p. 17, 2013).

Efetivamente, a noção de paisagem de acordo com Collot, abrange três componentes: um local, um olhar e uma imagem: Desse modo, entende-se que “um ambiente não é suscetível a se tornar uma paisagem senão a partir do momento em que é percebido por um sujeito” (COLLOT, p. 19, 2013).

Em termos da relação paisagem sul-rio-grandense e literatura, de acordo com Alves (2017, p. 61):

A história da literatura registra manifestações literárias no Rio Grande do Sul desde meados de 1830. Em quase dois séculos de produção ficcional, dois elementos situam-se no centro dos temas dos escritores sul-rio-grandenses: o gaúcho e o pampa. Embora se possa encontrar muitos autores cujas obras versam sobre outras figuras e ambientes, não se pode negar que as paisagens do pampa e o gaúcho fazem parte da tradição literária sulina. Um olhar panorâmico sobre as principais obras de história da literatura do Rio Grande do Sul<sup>1</sup> revela que o gaúcho – o homem – e o pampa – a paisagem – são matéria quase obrigatória para os escritores de várias épocas.

Schama (1996) nos traz que a paisagem é materialidade e imaterialidade, isto é, rochas e lembranças. Assim, a natureza e o humano não podem ser percebidos de forma separada e isto se dá,

também na literatura, a partir da qual, autores constroem um imaginário que elevam a paisagem a símbolo coletivo e, por consequência uma representação de uma região e sua paisagem como cenários fundamentais para a construção de identidades, de memórias coletivas como cenários de acontecimentos históricos e base para a ficção literária. Ao mesmo tempo que se narra, reveste-se a região narrada de significados estéticos e sentidos. Porém, de acordo com Joachimsthaler (2009, p. 28)

Regiões não existem simplesmente. Os modelos identitários aparentemente bem definidos, que identificam um determinado contexto local com ‘seus’ cidadãos e ‘sua’ cultura, com uma benvinda ‘unidade’ regionalmente professada – mesmo que eles se tornem uma espécie de vida ou de ‘segunda natureza’ das pessoas neles nascidas ou a eles incorporadas (como pátria por opção) –, são realidade somente porque eles (os modelos identitários), como toda cultura, são construídos e preservados. Ou seja, os modelos identitários são, pura e simplesmente, construídos pelo homem. Via de regra, essa ação humanizadora da cultura, que permite que regiões se tornem “pátria”, em raros casos é percebida concretamente como um processo decisório consciente dos formadores do espaço cultural.

Neste sentido, tanto o Pampa como os butiazais são espaços culturais tanto para os nascidos no seu entorno quanto para os que circulam por lá, contribuindo para o sentimento identitário e de pertença, situado espacialmente. Os hábitos, modos de fazer, conhecimentos, celebrações, fazem parte da vida cotidiana e passam por gerações, constituindo-se como bens culturais imateriais de algumas comunidades. Encaminhamos então alguns exemplos que nos chegam a partir da literatura.

### **A literalização dos butiazais em obras da literatura Sul-Rio-Grandense**

A literatura sul-rio-grandense traz em distintas obras relatos de viajantes que estiveram no Rio Grande do Sul em meados do século XIX, entre eles destacamos: o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire. Este recolheu diversas informações que vinham ao encontro de sua expertise de botânico. Em uma espécie de diário, destacou plantas medicinais em seus escritos e outras espécies da flora, incluindo locais em que encontrou comunidades de butiazais “[...] “atravessamos um campo semeado de butiás [...] aí tornei a achar plantas que havia coletado entre os arredores de Vila Rica” (2021, p. 24).

Ao descrever que os butiás começam a rarear em determinadas áreas, Saint-Hilaire comenta que há dificuldade de encontrar plantas e a [...] “Labiada 1788 é quase a única encontrada em abundância entre essas palmeiras”. (2021, p. 24). E, por fim, quando os butiazeiros desaparecem, a vegetação muda completamente e não apresenta mais nenhuma das plantas citadas. A seguir, imagem de butiazeiro para ilustrar um relato de Saint-Hilaire: “O caminho continua a atravessar a mesma planície úmida, [...] o aspecto dos butiás tornam francamente agradável à vista” (2021, p. 18).

Em seus relatos sobre o Rio Grande do Sul há várias citações sobre os butiazais (Quadro 1).

### Quadro 1- Citações sobre butiazais na obra de Auguste de Saint Hilaire.

“Itapeva, 7 de junho, 3 léguas - A grande cordilheira se eleva a oeste dessa planície e quebra a monotonia da paisagem. O solo é extremamente arenoso e especialmente do lado da serra veem-se áreas consideráveis povoadas de butiás”. (Saint-Hilaire, p.17, 2021)

“O caminho continua a atravessar a mesma planície úmida, já descrita, e que a vizinhança da Serra, a mistura de moitas de matas e pastagens e o aspecto dos butiás tornam francamente agradável à vista”. (Saint-Hilaire, p. 18, 2021)

“Deixando a Fazenda do Arroio atravessamos um campo semeado de butiás, onde o terreno mostra uma mistura de areia e húmus quase preto. Aí tornei a achar somente as mesmas plantas que havia coletado entre os butiás dos arredores de Vila Nova, Enfim, quando os butiás desapareceram a vegetação mudou completamente, não apresentando as pastagens nenhuma das espécies citadas.

“Estância dos Barros, 1º de agosto, 5 léguas. - Persiste a planície em terreno mais firme e menos adornado de tufo de matos. Numerosos butiás de cerca de 10 a 12 pés aparecem esparsos nos arredores de Palmares”. (Saint-Hilaire, p.54, 2021)

Fonte: autoria própria. A partir de “Viagem ao Rio Grande do Sul (1816-1822), Auguste de Saint-Hilaire, botânico interessado por plantas medicinais, foi um dos primeiros viajantes a relatar e descrever o que viu e viveu no nosso estado e em nosso país. O mote aqui exemplificado são suas narrativas em torno dos butiás e butiazais.

As narrativas de Saint Hilaire remetem às Estâncias e aos povoados, o que nos faz inferir sobre o uso do butiá na culinária, expressado na literatura (contos e romances), como o fez João Simões de Lopes Neto no conto ‘Contrabandista’ da obra Contos Gauchescos, publicada em 1912, escreveu: “Havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dançar três dias!... Corria o amargo e copinhos de Licor de Butiá”.

Na poesia, destacamos a obra ‘Mate Encilhado’, de Cecília Maicá (2019), na qual a autora faz diversas alusões ao butiá, à paisagem e à cidade de Giruá.

Trago viva na memória  
A querência onde nasci  
Os anos que lá vivi  
Jamais esqueço, jamais,  
A sanga, os butiazais,  
A pitangueira, a restinga,  
O olho-d’água – cacimba  
E o rancho dos meus pais. (Horizontes de Luz)

Sangue guarani  
Emprestou a cor vermelha ao teu chão  
Terra dos dourados cachos de butiá  
Ao sol de janeiro perfumando o ar (Essência Guarani)

Neste caso, a poetisa toma a paisagem como tema de sua obra, literalizando-a, na ficção, trazendo uma construção de identidade. Neste caso, o conto de Simões Lopes Neto e o diário de viagem de Saint Hilaire, auxiliam a conformar o que se chama de literatura gaúcha, muito bem explicitada na obra de Regina Zilberman (1992).

### Considerações finais

É possível constatar que a literalização dos butiazais na paisagem sul-rio-grandense está relacionada à historiografia, às memórias construídas por escritores, as quais vão ao encontro daquelas dos leitores. Cria-se, assim, uma tradição literária que colabora para a construção de representações e memórias coletivas.

### Referências

- ALVES, M. M. A literarização da paisagem do Pampa: três momentos decisivos. **Scripta Uniandrade**, v. 15, n. 3 (2017). Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/767/666>>. Acesso em 19 out. 2022.
- JOACHIMSTHALER, J. A literarização da região e a regionalização da literatura. **ANTARES**, n. 2, jul./dez. 2009 <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/400/330>>, Acesso em: 19 out. 2022.
- MAICÁ, C. **Mate encilhado**: poesia. Giruá: AGRS, 2019.
- RIVAS, M.; BARBIERI, R. L. **Boas práticas de manejo para o extrativismo sustentável do butiá**. Brasília: Embrapa, 2014.
- RODRIGUEZ, J. M. **Apuntes de Geografía de los Paisajes**. Ciudad de la Habana: Universidad de La Habana. Facultad de Geografía, 1984.
- SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Garnier, 2021.
- SANTOS, M. **Técnica espaço tempo** - globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SOARES, K. P. 2013. O gênero *Butia* (Becc.) Becc. (Arecaceae) no Rio Grande do Sul com ênfase nos aspectos ecológicos e silviculturais de *Butia yatay* (Mart.) Becc. e *Butia witeckii* k. Soares & S. Longhi. 135 p. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.
- ZILBERMAN, R. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.